

Endividamento das famílias avança em 2013 em São Paulo

Em um ano, taxa avançou 7,5 pontos percentuais, atingindo principalmente as famílias de menor poder aquisitivo

Patrycia Monteiro Rizzotto
pmonteiro@brasileconomico.com.br
São Paulo

A pressão inflacionária está levando as famílias — em especial aquelas na faixa de renda até 10 salários-mínimos — a lançar mão do crédito, em suas diversas formas, para manter seu padrão de consumo. A avaliação da economista Fernanda Della Rosa, da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio/SP), sobre a mais recente Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) realizada pela entidade.

De acordo com a Peic, o percentual de famílias endividadas no Estado de São Paulo saltou de 46,26% em dezembro de 2012 para 53,77% em 2013. O levantamento indica ainda que o nível de endividamento avançou mais entre as famílias com renda de até 10 salários mínimos mensais — subiu de 49,89% para 57,58% no mesmo período — enquanto nas famílias com renda acima de 10 salários mínimos a expansão foi de 35,74% para 42,72%.

“Em 2013 a pressão inflacionária foi maior sobre os alimentos, sobretudo no primeiro semestre do ano. Para manter o mesmo consumo de itens alimentícios, algumas famílias buscaram formas de financiamento de outros itens que podiam ser parcelados”, explica Fernanda Della Rosa, mencionando que as famílias de menor poder aquisitivo tem menos condições de gerenciar essa pressão do que as de maior renda.

Além da alta dos alimentos, atenuada no segundo semestre do ano, Fernanda Della Rosa aponta que a alta do dólar, com a consequente elevação do preço dos importados, também contribuiu para o endividamento das famílias paulistas. “No segundo semestre do ano houve um alívio dos orçamentos das famílias por causa da desaceleração da inflação, registrada no crescimento marginal menor do IPCA”, diz.

Na visão da economista da Fecomercio/SP, o crescimento de 7,5 pontos percentuais no patamar de endividamento das famílias de São Paulo ao longo dos últimos 12 meses não é preocupante. “Já tivemos um índice de endivi-



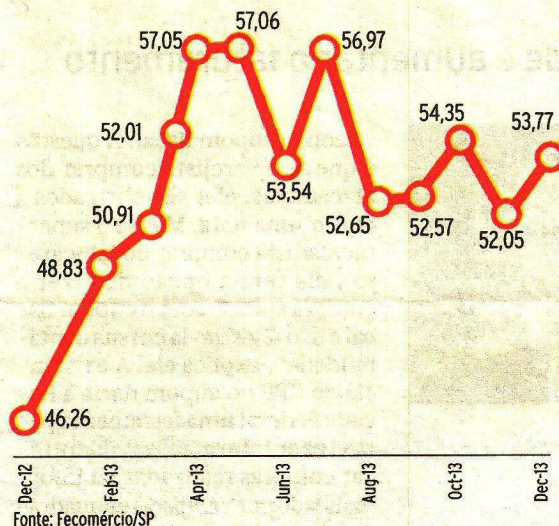
Matthew Lloyd/Bloomberg

Para Mariana Oliveira, da Tendências Consultoria, consumo das famílias deve desacelerar porque a geração de emprego e a renda média do trabalhador vêm perdendo o fôlego

Trajatória de alta na taxa Selic deve conter a demanda por crédito do país, com impacto no consumo

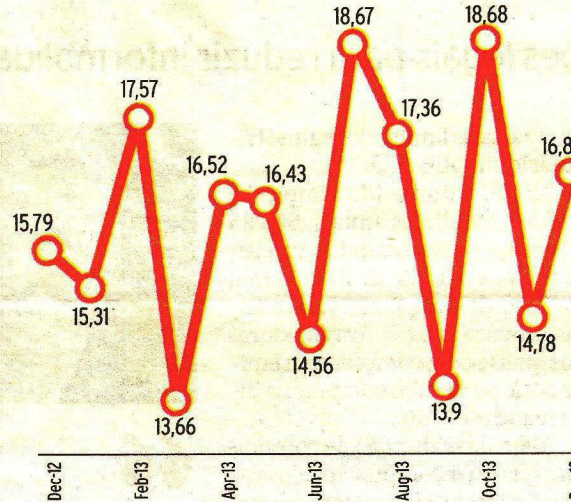
ENDIVIDAMENTO EM SÃO PAULO

Famílias endividadas



Fonte: Fecomercio/SP

Famílias com dívidas em atraso



Segundo a Fecomercio, o aumento no percentual de famílias com dívidas se deve às pressões inflacionárias e à busca por crédito para manter o padrão de consumo. Mas a alta não é preocupante

damento muito maior em junho de 2004, de 72,1% e a média desse endividamento foi de 60% nos últimos quatro anos. O que levamos em conta é que a taxa de desocupação do país continua baixa, de 5,6%, segundo o último levantamento divulgado pelo IBGE, em outubro. Se há emprego e há renda, há sustentabilidade para o pagamento das dívidas. Tanto que o percentual de famí-

lias que têm dívidas em atraso foi de 16,8% em dezembro de 2013, sendo que apenas 5,4% afirmam que não terão condições de honrar o pagamento de todos os débitos”, explica, mencionando que é esperado um nível de endividamento maior em janeiro, por causa de despesas extras como a compra de materiais escolares, pagamento de impostos e gastos com as férias.

Segundo a economista Mariana Oliveira, da Tendências Consultoria, o endividamento das famílias em si, de fato não é preocupante porque se percebe em todo país uma expansão do crédito de longo prazo para aquisição de imóveis e bens duráveis como automóveis. “O que preocupa é quando o serviço das dívidas cresce mais do que a renda da família”, afirma.

Contudo, segundo a economista, o nível de endividamento, aliado a outras variáveis, pode frear o ímpeto pelas compras não só entre os paulistas, mas entre os brasileiros de uma forma geral. “Em 2012, a geração de empregos cresceu 2,2%, enquanto o rendimento real do trabalhador aumentou 4,3%. Os dados ainda não estão consolidados, mas estimamos uma desaceleração desses índices em 2013, prevendo que a geração de empregos cresceu apenas 0,7%, enquanto a renda subiu 1,6%. Dessa forma, apostamos que o consumo das famílias deve perder relevância no PIB em 2014. A taxa de crescimento do consumo encerrou 2012 com alta de 8,4%, mas deve fechar 2013 com 3,4%”, analisa Mariana, ressaltando a demanda por crédito deve arrefecer no país por causa da trajetória de alta dos juros.